



A CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO DE AJUSTE-POLICIAL NO RIO DE JANEIRO

O Estado do Rio de Janeiro iniciou 2018 em uma situação de estagnação econômica, com cerca de 1,3 milhão de desempregados e aumento exponencial nos índices de violência. Estas questões, como dissemos em editorial passado, estão relacionadas a três elementos conjunturais: 1) economia dependente do petróleo e flutuação dos preços internacionais, 2) desoneração fiscal do Estado do Rio de Janeiro para as grandes empresas e 3) corrupção estrutural, prática comum no capitalismo. A atual “crise” fiscal e orçamentária é a maior pela qual o governo estadual já passou, fruto desses três fatores, mas também pode ser explicada pela consolidação de uma nova fase econômica e política do capitalismo brasileiro.

Lembramos que numa sociedade dividida em classes as crises atingem principalmente o povo, e não os poderosos. Consequências como os atrasos nos salários de servidores, aposentados e pensionistas ajudaram a agravar mais a situação dos de baixo, principalmente nas pequenas cidades do interior, altamente dependentes da renda do funcionalismo pú-

blico. Retorna o agravamento da fome, dos saques e cresce exponencialmente o número de moradores de rua. O fundo da crise é a implantação de um Estado neoliberal mais agressivo, que atinge não apenas o Rio de Janeiro, mas todo o país.

Os contextos de crise periódica do capitalismo acompanham políticas cíclicas de cortes nos direitos sociais e diminuição dos salários dos trabalhadores. Nos países periféricos e dependentes as crises também se expressam em expropriação pela iniciativa privada, de direitos básicos e elementares conquistados anteriormente. Por exemplo, no Rio de Janeiro, o Banco Mundial, em conluio com o governo federal colocou como uma das condicionantes para a liberação de “ajuda” financeira a privatização da Empresa

Estadual de Águas e Esgotos (CEDAE). Exigência das empresas nacionais e internacionais que queiram explorar e lucrar com este recurso estratégico e essencial que é a água.

Tais políticas aplicadas em crises cíclicas parecem independer de determinados governos. Durante a primeira crise econômica, Dilma (PT) iniciou os cortes na educação e pôs um ministro neoliberal no poder. O que não evitou seu *impeachment* e o golpe jurídico-parlamentar que buscava dar o

já vinha fazendo cortes na saúde e na educação e implantando as chamadas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), dando início a uma verdadeira política de fechamento de escolas e de aproximação com a iniciativa privada. Ao mesmo tempo, tocou uma estratégia centrada no “desenvolvimento”, baseada em megaempreendimentos imobiliários, de logística, industriais e megaeventos, mas que só gerou mais endividamento, desigualdade, despejos e precarização para o povo.



Mas sua ação neoliberalizante era atenuada superficialmente pela política econômica social-liberal petista, que enquanto beneficiava os grandes bancos, o agronegócio e a iniciativa privada, promovia pequenos ganhos aos de baixo e injetava dinheiro no Estado do Rio de Janeiro, sem alterar

a relação estrutural do capitalismo brasileiro. Com o golpe que levou o PMDB à gestão do Estado brasileiro, o neoliberalismo sem pudores pôde ser implementado

remédio amargo do neoliberalismo, não em conta-gotas, mas numa injeção nas veias do Estado brasileiro. O governo Sérgio Cabral (2006-2014), que teve o PT como aliado de primeira hora,

(continua na página seguinte)

Nesta Edição

TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO RESISTEM ... *pág 3*

RECORDANDO COMPANHEIROS/IAS ... *pág 3-4*
8 DE MARÇO ... *pág 4*

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS ... *pág 4*

(continuação da página anterior)

do “a toque de caixa” no Brasil, e tem no Rio de Janeiro talvez seu principal laboratório. Abandonam-se assim as “grandes” obras do período passado (BRT’s na Avenida Brasil, por exemplo) e a ilusão de criar uma “Barcelona Carioca”, implantando-se a partir do Regime de Recuperação Fiscal – uma espécie de chantagem jurídica neoliberal – a precarização completa de todos os serviços montados no período social-liberal anterior. A iniciativa privada e seus sócios (os políticos), que sempre viveram como parasitas instalados dentro do Estado brasileiro, passaram a adotar um tom mais agressivo na transformação dos direitos sociais em mercadoria. Os diversos escândalos de corrupção, com esquemas de superfaturamento sendo montados nas prisões por policiais, políticos e empresários[1] na administração hospitalar pelas OSCIP’s e no desvio dos fundos de pensão, mostram que a iniciativa privada aprofunda ainda mais a corrupção estrutural em aliança com os partidos políticos, já que os mínimos mecanismos de controle e transparência institucionais são abandonados.

O Carnaval de 2018 foi marcado pela ausência do governador do estado (Pezão-PMDB) e do prefeito da cidade do Rio de Janeiro (Crivella-PRB), mas também pela politização da folia, nas ruas e na Sapucaí. O vice-campeonato obtido pela Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, que desfilou no sambódromo da Marquês de Sapucaí embalada pelo primoroso samba-enredo “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?” e por alas com forte condenação às reformas trabalhista e previdenciária, ao governo Temer e o “cativeiro” social[2] em que vivem os mais pobres, proporcionou ao vivo na tela da TV Globo uma das mais duras críticas ao descalabro

neoliberal que assola o país.

Enquanto isso, as grandes empresas de comunicação, especialmente a Rede Globo, seguiram com o terrorismo midiático, massificando imagens e notícias de violência urbana mostrando, cotidianamente, uma cidade entregue ao “crime organizado”, ao roubo de cargas e o “extermínio” de policiais.

Logo após o carnaval foi anunciada a Intervenção Federal/Militar na Segurança Pública do Rio de Janeiro, iniciada em 16 de fevereiro, a primeira intervenção desse tipo desde a promulgação da Constituição de 1988. Na prática, significou um aprofundamento do estado de exceção vigente há tempos nas favelas cariocas e fluminenses, e uma forma de garantir a transformação do estado do Rio de Janeiro no laboratório do inferno neoliberal.

A violência policial nas favelas e periferias vem sendo intensificada, contribuindo para o super-encarceramento, principalmente contra a população negra. A intervenção cumpre um papel duplo: conter os anseios, necessidades e urgências das/os de baixo, com o controle militar das favelas e periferias urbanas, e abafar a resistência popular para conseguir impor a reforma da previdência e as outras pautas anti-povo do governo estadual e federal.

A liberação de 1,2 bilhão para a Segurança Pública do Estado, que será gerida diretamente pelo general-interventor, e a criação do Sistema Único de Segurança Pública revela que a classe dominante está dando um perigoso “passo de abutres” ao convocar os militares para gerirem parte do aparato estatal do Estado (ver comunicado da CAB, *A agitação na caserna e suas ameaças*) e reforçando o Estado-policial de ajuste. [3]

Assim, a questão da violência, oficial e não oficial, que a população sofre diariamente, foi ca-

nalizada pelo governo Temer e pela mídia como questão de “Segurança Pública”. Em vez de investimentos e políticas sociais voltadas para a geração de empregos, saúde, educação, transporte, moradia, entre outros, o governo federal impõe uma solução militar. O objetivo nunca foi conter a violência, tanto é que após um mês de intervenção os índices de violência continuaram a crescer.

Também é importante destacar que a execução da vereadora Marielle Franco (PSOL) e do motorista Anderson Gomes com munição desviada da Polícia Federal, dois dias antes da intervenção completar um mês, foi sem dúvida um fato político extremamente marcante para a cidade, o estado e o país, e que repercutiu em todo o mundo.

Marielle vinha frequentemente denunciando a Polícia Militar, especialmente o 41º Batalhão (Acari), cujos integrantes provocaram 450 mortes em confrontos entre 2013 e 2017 (dados do Instituto de Segurança Pública [4]) e, recentemente, haviam assassinado dois jovens na favela, jogando seus corpos em um valão de esgoto. O assassinato ocorreu seis dias depois do Dia Internacional da Mulher e sete dias antes do Dia Internacional contra a Discriminação Racial. Assim, a execução foi ao mesmo tempo um assassinato político, um ato de feminicídio e de extermínio do povo negro e pobre das favelas e periferias e, após um mês, não há por parte das autoridades qualquer resposta em relação aos assassinos e mandantes.

O assassinato de Marielle e Anderson, dos cinco jovens ligados a *União da Juventude Socialista* em Maricá e o atentado ao coordenador de diversidade

sexual no Rio de Janeiro evidenciam o avanço conservador e a consolidação de um Estado de ajuste-policial em novo patamar no Rio de Janeiro. O que inclui o fortalecimento das milícias paramilitares (formadas por civis, policiais, bombeiros, militares etc), atentados e a continuidade da política de genocídio e controle da população negra e pobre. Temos assim a consolidação de um Estado neoliberal e de ajuste-policial, onde há um Estado máximo para a repressão e mínimo para os direitos sociais.

Nem reforma, nem exército!

Notas

[1] Um esquema de superfaturamento de pãezinhos era comandado pela Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP), envolvendo um delegado de polícia, policiais, empresários, agentes penitenciários e políticos. Envolvidos no ‘esquema lavaram dinheiro usando bitcoin, diz Receita (O Dia, 13/03/2018).

[2] O samba-enredo da Tuiuti tem como segundo refrão a seguinte letra: “Meu Deus! Meu Deus!, Se eu chorar, não leve a mal. Pela luz do candeeiro. Liberte o cativo social.” O primeiro refrão é ainda mais bonito: “Não sou escravo de nenhum senhor. Meu paraíso é meu bastião. Meu Tuiuti, o quilombo da favela. É sentinela na libertação.”

[3] O prefeito Marcelo Crivella, também anunciou o Coronel Diógenes Dantas Filho como secretário dos transportes.

[4] Nos dados abertos do Instituto de Segurança Pública, pode-se levantar que nos últimos dez anos (2008-2017), foram registrados no estado do Rio de Janeiro 7.671 “homicídios provenientes de oposição à intervenção policial”, mais conhecidos como “autos de resistência”. A maioria absoluta dessas vítimas é de negros moradores de favelas. (<http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>)

TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO RESISTEM!

No início do ano letivo de 2018 o Secretário Estadual de Educação Wagner Viter cometeu mais um ato autoritário contra a educação pública com o objetivo de enxugar os gastos. Criou a exigência de que para abrir uma nova turma na escola a outra turma tem que estar em sua capacidade máxima. Por exemplo: a turma 702 só pode ser aberta se a turma 701 estiver com a sala na sua capacidade máxima, 50 ou 60 alunos. Isso significa que a Secretaria exige salas superlotadas. É claro que com salas superlotadas a qualidade do ensino cai. Não só a qualidade do ensino, mas a qualidade de vida de todos que convivem no espaço escolar.

Essa política significou, na prática, o fechamento de inúmeras turmas. Em algumas escolas turnos inteiros podem ser fechados. O fechamento de turmas e turnos, leva ao fechamento das escolas - diminuindo a oferta de vagas e horários na rede pública estadual.

Além disso, a Secretaria de Educação do RJ proibiu a formação de listas de espera, para escon-

der a existência dessa demanda de matrículas. Dessa forma, a política do atual Secretário é dificultar o acesso ao direito a educação. É importante lembrar que a política de fechamento de turmas, turnos e escolas se iniciou no Governo Cabral (PMDB) atacando, na época, principalmente nas localizadas em zonas rurais e os turnos noturnos de muitas escolas. Essa política se intensificou a partir de 2016, com a crise financeira do estado, mas também como uma resposta ao movimento grevista daquele ano e as ocupações.

Por conta dessa situação o ano letivo começou caótico na rede estadual, prejudicando professores, funcionários e principalmente os estudantes. Os profissionais da educação lançaram em janeiro uma "Carta aberta aos diretores e professores da rede estadual de educação do Rio de Janeiro", assinada por dezenas de diretores, conselheiros escolares e professores, denunciando esta situação e convocando as comunidades escolares, e a sociedade como um todo, para se mobilizar contra essa política.

Nesse momento é fundamental a solidariedade de classe para que a educação pública possa resistir a estes ataques.

RECORDANDO COMPANHEIROS/AS

Em 2018, homenageamos alguns companheiros e companheiras que dedicaram suas vidas ao Anarquismo e a construção de uma sociedade mais justa e humana, com os quais estamos ligados pelo fio da história das lutas sociais.

Em fevereiro passado, completaram 90 anos do assassinato de **Antonino Dominguez** (Ourense 1894 – Rio de Janeiro 1928), militante sapateiro que, em 1915, chegou a Belém do Pará onde atuou intensamente nas lutas sindicais daquela capital. Transferiu-se para São Paulo no início dos anos 1920, inserindo-se na *União dos Operários em Calçados*, um dos sindicatos revolucionários mais combativos, onde juntamente com Juan Perez, escreveu inesquecíveis páginas de luta e dedicação à causa.

Perseguido, mudou-se para o Rio de Janeiro por volta de 1927, onde tomou a frente da *Aliança dos Artífices em Calçados* na oposição às tentativas dos bolchevistas do PCB em tomá-lo, tendo algumas vezes rechaçado com o uso da violência os ataques perpetrados pela "Tcheka carioca". No dia 14 de fevereiro de 1928, durante uma reunião na *Associação Gráfica do RJ*, um elemento disparou sobre a assistência, matando o gráfico Damião da Silva e ferindo mortalmente Antonino Dominguez. Entrevistado pelo *Correio da Manhã* no leito de morte, Antonino acusou o militante comunista e também sapateiro Galileu Sanchez (vulgo Pedro Bastos) pelos disparos. Veio a falecer no dia 19 de fevereiro, gerando enorme tristeza na família anarquista e uma grande lacuna nas fileiras operárias. Deixou sua companheira (Carlinda Dominguez) e três crianças (Abigail, 15; Ary, 13 e Lucy, 11 anos).

No dia 5 de setembro recordaremos os 60 anos da morte de **Juan Perez Bouzas** (Ourense 1899 – Rio de Janeiro 1958). Também galego de Ourense e sapateiro como Dominguez, chegou ao Rio com 16 anos. A convite de um amigo, foi assistir na sede de um sindicato a uma conferência de José Oiticica, de lá saindo fortemente impressionado com a exposição e com os debates, decidindo voltar para novas conferências e estudar mais profundamente os problemas sociais. A partir daí, tornou-se anarquista e integrou-se definitivamente às intensas lutas sociais daqueles tempos. Atuando na *União dos Operários em Calçados*, torna-se um dos mais destacados militantes sindicais, tendo atuado em inúmeras greves, piquetes e manifestações, atraindo para si a ferocidade da polícia paulistana a serviço dos poderosos, o que lhe rendeu enormes sofrimentos nos cárceres.

Na famosa "Batalha da Sé", em 7 de outubro de 1934, quando os trabalhadores antifascistas sob a bandeira da *Federação Operária de SP*, e de outras organizações, dispersaram na bala e no porrete uma manifestação Integralista, Juan Perez teve participação decisiva na "Revoada dos Galinhas Verdes". Ameaçado pelos fascistas e pela polícia, sai de São Paulo e dirige-se ao Sul do país, onde prossegue na luta sindical. No final dos anos 1930, apoiado por Oiticica, transfere-se com sua companheira Carolina e o filho Ideal para o Rio de Janeiro, onde após a ditadura Vargas participa da fundação do jornal *Ação Direta*.

Com sua saúde debilitada pelas muitas detenções nas frias celas paulistanas, diminuiu sua militância nos anos 1950, mas sempre esteve presente nos eventos libertários com sua família. Como registrado no seu necrológio publicado em novembro de 1958 no *Ação Direta*, "Era João Pérez anarquista sem adjetivos, elemento de luta".

No dia 28 de setembro próximo, recordaremos também os 50 anos da morte de **Edgard Leuenroth** (Mogi Mirim 1881 – São Paulo 1968). Leuenroth era tipógrafo e jornalista, fundador e participante de diversos jornais operários como *O Trabalhador Gráfico*, *A Terra Livre*, *A Lanterna*, *A Guerra Social* e *A Plebe*. Fundador no início do século XX do Centro Tipográfico de São Paulo, que logo depois mudou de nome para União dos Trabalhadores Gráficos, uma das entidades mais ativas da capital paulista. Participou do I Congresso Operário Brasileiro em 1906 e, junto com Oreste



charge: Ribs

Ristori, Gigi Damiani e Neno Vasco, ajudou a fundar a *Escola Moderna de São Paulo*. Teve participação intensa na Greve de 1917, sendo preso logo após acusado de ser o mentor do movimento, permanecendo detido por vários meses até ser libertado em 1918.

Participou no ano seguinte da fundação do *Partido Comunista* (Libertário) no Rio e em São Paulo e, no início dos anos 1920, esteve à frente dos confrontos pela imprensa e nos sindicatos com os bolchevistas do PCB.

Foi preso novamente em 1927 durante as manifestações pró-Sacco e Vanzetti e, nos anos 1930, teve atuação destacada em sua categoria, sendo fundador da *Associação Paulista de Imprensa* (1933) e da *Federação Nacional de Imprensa* (1939).

Após a ditadura Vargas, voltou a atuar na imprensa anarquista e apoiou a organização de diversos congressos e encontros libertários nos anos 1950.

Morreu aos 87 anos tão anarquista quanto foi nos primeiros anos daquele século.

Antonino, Juan e Edgard, estão sempre conosco!

Edgar Leuenroth (1881-1968)

Fonte: libcom.org



Foto: Juan Perez.

8 DE MARÇO!

No mês de março, mês de luta, memória e resistência das **mulheres trabalhadoras**, ocorreram no estado do Rio de Janeiro diversas atividades relacionadas à questão da mulher. Dentre estas, houve uma atividade exclusiva no dia 06/03 sobre saúde da mulher, no Centro de Cultura Social em Vila Isabel na zona norte da cidade do Rio.

No dia 08/03, participamos pelo *Movimento dos Pequenos Agricultores* (MPA) e *Comissão Pastoral da Terra* (CPT), da atividade “Tem Feminismo na Agroecologia” que aconteceu na Feira Josué de Castro ESNP/FIOCRUZ e que contou com presença, relatos e experiências de agricultoras da cidade e do campo.

Na mesma semana, no dia 10/03, participamos de uma roda de conversa pelo MPA que ocorreu no *Raízes do Brasil* no Rio de Janeiro e que teve como tema o “Impacto da conjuntura atual nas mulheres do campo e da agricultura urbana”, que foi muito rica.

Em Campos dos Goytacazes, no dia 17/03, houve uma roda de conversa aberta sobre mulher, política e trabalho no espaço da Feira Itinerante da Baixada Campista.

Espaços como estes são muito importantes para o fortalecimento e visibilidade da luta na conquista por direitos das mulheres, que juntas encontram a força para se organizarem por si mesmas, assim como junto aos companheiros, e enfrentarem o machismo e a violência de gênero da sociedade que nos mata e nos oprime todos os dias. Compreendemos que o feminismo deve estar enraizado nas lutas sociais e por isso apoiamos a construção de espaços como esses que contribuam para reflexão e organização.

Notícias Libertárias

Petrópolis - A primeira atividade pública do 15º ano da FARJ, organizada em parceria com o Movimento Libertário pela Autogestão (MLA), com o tema “Anarquismo: histórico e perspectivas de luta hoje”, no dia 27/01/18, no *Centro de Defesa dos Direitos Humanos*. Uma companheira do MLA trouxe um debate importante sobre as lutas operárias em Petrópolis no início do século XX e a FARJ trouxe um debate sobre a conjuntura estadual a partir dos textos do *Libera* nº172. A atividade contou com mais de 20 presentes apontando um crescimento do interesse pelo anarquismo em todo estado.

Volta Redonda - No dia 18 de fevereiro, a FARJ realizou mais uma atividade do *Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres* (CELIP), apresentando o tema “O que é o Anarquismo?”. A atividade ocorreu no campus da UFF da cidade e foi articulada em conjunto com um grupo de estudos sobre anarquismo que desenvolve suas atividades no local. A atividade contou com cerca de 30 pessoas, que debateram ao longo da tarde o desenvolvimento e o impacto histórico do anarquismo nas lutas sociais e enquanto ferramenta de luta hoje.

Mais um no Lixo da História - Informamos com imensa alegria a chegada de mais um ilustre cliente no mais repulsivo antro das profundezas, o execrável e eterno Bar-restaurant Lixo da História. Adentrou ao recinto no dia 27 de fevereiro passado, aclamado efusivamente pelos demais

genocidas lá instalados, uma das figuras mais repugnantes a pisar o nosso continente, o General Luciano Benjamín Menéndez (1927-2018). Chegou aplaudido, pois foi um recordista de condenações à prisão perpétua, tendo alcançado 12 por desaparecimentos,

assassinatos, sequestros, torturas, violações e roubos de bebês. Foi a autoridade militar máxima em Córdoba durante a ditadura argentina (1976-1983), responsável pela repressão em dez províncias do centro e do norte do país, onde desempenhou com eficiência e prazer sádico o plano de extermínio de opositores planejado pela ditadura.

Conhecido pelas alcunhas “carinhosas” de *Cachorro*, *Chacal* ou *Hiena*, teve entre 1975 e 1979 o comando do centro de detenção clandestino de La Perla, por onde passaram 2.500 pessoas. Menéndez gostava de frequentar La Perla para presenciar fuzilamentos e sessões de tortura.

Após receber indulto do ex-presidente Carlos Menem em 1990 e gozar alguns anos de liberdade, em 2005 a Corte Suprema argentina declarou inconstitucional aquele indulto e, em 2008, o genocida foi condenado a sua primeira prisão perpétua pelo assassinato em 1977 de quatro militantes de esquerda.

Nas muitas ocasiões que sentou no banco dos réus, o carniceiro dedicou seus depoimentos a defender com paixão ao terrorismo de estado, do qual foi um dos principais ideólogos. Em 2010, antes de ser condenado a mais uma pena perpétua, desta vez acompanhado do General Rafael Videla, atualmente seu companheiro de mesa no *Lixo da História*, Menéndez proferiu a seguinte pérola: “Nossos inimigos foram os terroristas marxistas. Jamais perseguimos alguém por suas ideias políticas.”

Bolsonaro, que certamente um dia partilhará com Menéndez um Fernet com Coca Cola no *Lixo da História*, deve ter ficado emocionado com essa frase lapidar...

General Menéndez, aproveite bem sua 13ª e última condenação perpétua, agora, no **Bar-restaurant Lixo da História!**

BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001
Entre em contato e faça uma visita: <http://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com>

Libera, 2.000 exemplares. Agradecemos a todas/os que fazem esta publicação ser possível, até as/os mais anônimos colaboradoras/es.

Se tem interesse de distribuir ou contribuir com o *Libera* entre em contato: farj@riseup.net

SITES - BRASIL: CAB: www.vermelhoenegro.net | CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE www.resistencialibertaria.org | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS www.federacaoanarquistagaucha.org | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.noblogs.org> | FARPA/AL <https://farpaal.wordpress.com> | CALC/PR <http://anarquismopr.org.wordpress.com> | FACA/PA <http://resistenciabana.noblogs.org> | FAE/BA <https://faebahia.wordpress.com> | COMUNA/PB | COMPA/MG www.coletivocompa.org | **ÁFRICA DO SUL:** ZACF www.zabalaza.net | **ARGENTINA:** FAR: <http://federacionanarquistaderosario.blogspot.com.br> | **COLÔMBIA:** Grupo Libertario Via Libre: <http://grupolibertariovia Libre.blogspot.com.br> | **BOLÍVIA:** OARS www.oars.tk | **FRANÇA:** Alternative Libertaire <http://www.alternativelibertaire.org> | CNT Vignoles www.cnt-f.org | CGA <https://www.c-g-a.org/> | **MÉXICO:** AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | **PERU:** USL www.uslperu.blogspot.com | **URUGUAI:** FAU <http://federacionanarquistauruguay.com.uy> | **EUA/CANADÁ:** Black Rose/Rosa Negra: <http://www.blackrosefed.org> | NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | **ITÁLIA:** FdCA-Alternativa Libertária www.fdca.it | **IRLANDA:** WSM www.wsm.ie | **ESPAÑA:** CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | EMBAT (Catalunha) <http://embat.info/> | Rede Internacional Anarkismo.net: www.anarkismo.net



Donato Romito